

# Cuidar: da condição de existência humana ao cuidar integral profissionalizado

Caring: from condition of human existence to professionalised integral care

Cuidar: de la condición de existencia humana ao cuidado integral profesionalizado

Paulo Joaquim Pina Queirós\*

## Resumo

**Enquadramento:** Os enfermeiros assumem o cuidar como definidor do seu trabalho e do seu saber.

**Objetivos:** Procurámos ir ao encontro do cuidar humano, descobrindo suas significações ao longo do devir histórico e sentido atual para a enfermagem.

**Principais tópicos em análise:** Reflexão na procura de significações e sentidos que o cuidar tem para os humanos, partindo dos textos clássicos: *Primeiro Alcibiades* de Platão; o drama *Filoctetes* de Sófocles; e a fábula/mito *Cuidar* de Higino. Onde, entre outros, Heidegger, Foucault e Boff percebem a essência do cuidar e dão-lhe significado com utilidade para o enquadramento disciplinar da enfermagem.

**Conclusão:** Encontrámos um cuidar eminentemente humano e condição primeira de humanidade em Alcibiades, constitutivo e fundador de ser-humano em Higino; de inerente imperativo ético com Sófocles. Contributos indispensáveis para a compreensão atual do conceito cuidar, sua destriça com o conceito prestação de cuidados e esclarecimento do sentido de cuidados profissionais de enfermagem.

**Palavras-chave:** enfermagem; filosofia; conhecimento; cuidados de enfermagem

## Abstract

**Background:** Nurses assume caring as defining element of their work and knowledge.

**Objectives:** We sought to explain human caring, revealing its meanings throughout history and its current meaning for nursing.

**Main topics under analysis:** Reflection in the search for significances and meanings of caring for human beings, based on the classical texts *The First Alcibiades* by Plato, the drama *Philoctetes* by Sophocles, and the Fable/Myth *Cura* by Hyginus. Among other authors, Heidegger, Foucault and Boff recognise the essence of caring and assign it a useful meaning within the disciplinary framework of nursing.

**Conclusion:** We found an eminently human caring and first condition of humanity in *plato*; constitutive and founder of the human being in Hyginus; and inherent ethical imperative in Sophocles. These are key contributions to the current understanding of the concept of caring, its distinction from the concept of care provision, and clarification of the meaning of professional nursing care.

**Keywords:** nursing; philosophy; knowledge; nursing care.

\* Pos-doc ICBAS-UP, Ph.D., Professor Coordenador, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 3020-263, Coimbra, Portugal [pauloqueiros@esenfc.pt]. Morada para correspondência: Rua do Açude, n.º 150, Quinta da Mainça, Coimbra, 3000-435, Coimbra, Portugal.

## Resumen

**Contexto:** Los enfermeros asumen el cuidado como un aspecto que define su trabajo y su saber.

**Objetivos:** Se pretende cumplir con el cuidado humano mediante el descubrimiento de sus significados a lo largo del desarrollo histórico y la dirección actual de la enfermería.

**Temas principales de análisis:** Para reflexionar sobre la búsqueda de significados y sentidos que el cuidado tiene para los humanos, se partió de los textos clásicos: *El primer Alcibiades* de Platón; el drama *Filoctetes* de Sófocles, y la fábula / mito *Cuidar* de Higino. Entre otros, Heidegger, Foucault y Boff consideran la esencia del cuidado y le dan un significado con utilidad para situar la enfermería en un marco disciplinario.

**Conclusión:** Se encontró un cuidado eminentemente humano y una primera condición de humanidad en *Alcibiades*; constitutivo y fundador del ser humano en Higino; imperativo ético inherente en Sófocles. Todos ellos aportaron contribuciones indispensables para llegar a lo que, actualmente, se entiende por cuidado, la distinción del concepto de atención y la aclaración en relación al sentido del cuidado profesional de enfermería.

**Palabras clave:** enfermería; filosofía; conocimiento; cuidados de enfermería.

Recebido para publicação em: 11.10.14

Aceite para publicação em: 07.04.15

## Introdução

O cuidar tem sido caracterizado como tema central na enfermagem. Os enfermeiros encontram neste conceito, cuidar/cuidados, a definição do que fazem, e do conhecimento que utilizam e criam enquanto disciplina.

Leininger (1978) diferencia cuidado, de cuidado profissional e de cuidado profissional de enfermagem. Se assumirmos que o cuidado é o resultante de cuidar, o esclarecimento deste conceito torna-se útil para a reflexão epistemológica e para construção disciplinar. Sendo o cuidar uma ação e uma atitude disponibilizada e utilizada pelos humanos, qual o sentido que lhe é atribuído? Como se estruturou esse sentido? É recente ou funda-se nos primórdios da humanidade? Sendo uma ação e atitude generalizadamente humana, qual o significado da sua apropriação, como conceito central, por um grupo profissional, e por uma disciplina do conhecimento (enfermeiros/enfermagem)?

Para o esclarecimento deste conjunto de interrogações partimos de textos da antiguidade clássica, eventualmente dos primeiros textos onde expressamente surge a noção de cuidar.

Encontramos na literatura três textos clássicos de grande interesse para a compreensão do conceito cuidar, são eles: *O Primeiro Alcibiades* de Platão (428/427-348/347 a.C.); o drama *Filoctetes* de Sófocles (497/496-406/405 a.C.); a *Fábula/Mito Cura* de Higino (64-17 a.C.).

No primeiro texto, Platão, coloca em diálogo Sócrates (469/470-399 a.C.) e Alcibiades (450-404 a.C.) para dissertar acerca do *cuidado de si*; no segundo, Sófocles num drama sobre a desgraçada vida de Filoctetes revelamos a dimensão ética do cuidar; no terceiro, Higino transmite-nos através de uma fábula/mito a essência estruturante do cuidar para a dimensão humana.

Como objetivo desta reflexão teórica propomo-nos ir ao encontro do significado profundo do cuidar e dos contributos que daí surjam para a construção disciplinar. A reflexão teórica parte da identificação de textos primordiais para a noção de cuidar, da sua leitura e análise reflexiva pessoal, tendo em conta interpretações que filósofos e outros pensadores foram construindo sobre os mesmos textos, encontrando sentidos e significados para o conceito cuidar em confronto interpretativo com o pensamento de teóricos de enfermagem da atualidade.

## Desenvolvimento/Dissertação

### *O Primeiro Alcibiades, de Platão*

No dizer de Foucault (1994) é em *O Primeiro Alcibiades* que se encontra a mais remota elaboração filosófica do cuidado de si. Ainda suscita alguma dúvida a atribuição da autoria deste texto a Platão. Sendo que a data da sua redação é incerta, pelo que alguns consideram que o texto pode ser apócrifo.

No Primeiro Alcibiades, Platão, coloca em diálogo o jovem aristocrata Alcibiades com Sócrates. Tem como ponto de partida a questão de saber como este pode conquistar o poder de governar os demais (Dalbosco, 2006). “Sócrates faz Alcibiades [Alcibiades] ver que sua formação ao governo de outras pessoas dependeria de sua constante comparação com seus rivais, mas, além disso, dependeria também, fundamentalmente, do modo como ele iria *cuidar de si mesmo*” (Dalbosco, 2006, p. 33).

A forma do cuidado de si expressa em Alcibiades era determinada por estas condições: “1 - aqueles que deveriam se ocupar de si mesmos eram jovens destinados a exercer o poder; 2 - o objetivo era o bom exercício do poder; 3 - a forma exclusiva onde ocupar-se de si é conhecer a si próprio” (Damasio, 2014, p. 1). Segundo Foucault (1994), conhecer-se a si mesmo está ligado ao cuidado de si, é a necessidade de tomar conta de si que conduz ao conhece-te a ti próprio. Estamos perante o cuidado de si como condição para o conhece-te a ti próprio, ideia implícita em toda a cultura greco-romana e explícita após o Alcibiades.

Vejamos um excerto:

Sócrates – Então responde: o que significa a expressão Cuidar de si mesmo? Pois pode muito bem dar-se que não estejamos cuidando de nós, quando imaginamos fazê-lo. Quando é que o homem cuida de si, mesmo? Ao cuidar de seus negócios, cuidará de si mesmo? (Platão, 2007, p. 273)

E ainda,

Sócrates – E então? Poderíamos conhecer a arte que nos deixa melhores, se não soubéssemos o que somos?

Alcibiades – Impossível.

...

Sócrates – Quer seja coisa fácil, quer difícil, Alcibiades, o que é certo é que, conhecendo-nos, ficaremos em condições de saber como cuidar de

nós mesmos, o que não poderemos saber se nos desconhecemos. (Platão, 2007, p. 275)

Damasio (2014) refere que Foucault ao considerar a existência destes dois preceitos realça que “em Alcebiades, no entanto, o *gnôthi seauton* [conhece-te a ti mesmo] sempre teve uma espécie de subordinação ao *epimeleia beautou* [cuidar de si], como uma maneira de aplicação concreta da regra geral de ocupar-se de si-mesmo” (p. 1).

Na Grécia clássica [período de 500-338 a.C.] e, depois, na Grécia helenística [338-146 a.C.], as máximas fundamentais da arte de viver, que traduzem a grande regra da conduta tanto para a vida individual quanto para a vida social dos gregos, prescreviam não apenas *gnôthi seauton*, o que significa conhece-te a ti mesmo, mas também *epimeleisthai seauton*, isto é, tomar conta de si, cuidar de si, ter cuidado consigo. (Rocha, 2011, p. 9)

Efetivamente é em Foucault (1994) que encontramos clarificado que para os gregos, o *cuidado de si* configura uma das regras de conduta da vida social e pessoal.

O cuidado de si é um conceito que vai evoluir ao longo dos séculos até aos dias de hoje acompanhando o desenvolvimento das sociedades. Desde logo evolui da Grécia Clássica para a Grécia do Império.

Esta ênfase no cuidado de si, predominante na era helenística, devia-se ao fato de sua cultura cosmopolita ter modificado completamente o modo de viver tradicional do cidadão e do povo grego em geral. A res publica deixara de ser regida pelas Assembleias das Cidades e passara a ser trabalhada pelos administradores do Império. Perdendo seu estatuto de cidadão, o homem grego tornou-se um súbdito do Imperador, e não encontrando mais, na Polis, a proteção que nela antes tinha, ele foi coagido pela força dos acontecimentos a fechar-se em si mesmo, a buscar no seu íntimo novas energias, novas metas morais pelas quais viver. Assim, o homem descobriu-se como indivíduo, e, não contando mais com a tutela das Cidades-Estado, teve que tomar, nas suas mãos, as rédeas de seu próprio destino. (Rocha, 2011, p. 9-10)

Na Grécia, na passagem das Cidades-Estado para o Império, transforma-se o conceito ocupar-se de si, universalizando-se. O cuidar de si deixa de ser apenas

uma obrigação ligada à educação, sobretudo das elites cidadinas, para se transformar naquilo que todos se devem ocupar ao longo da vida (Foucault, 1994).

Quando o essencial deixa de estar *naturalmente* assegurado pela cidade-estado e o enfoque para a sobrevivência é conduzido ao plano individual, o *cuidado de si* adquire outra dimensão.

“O cuidado de si só é questionado ou valorizado e percebido como essencial para o ser humano, a partir do momento que as pessoas tomam consciência do seu direito de viver e do estilo de vida que têm.” (Carraro & Radunz, 2003 citado por Silva et al., 2009, p. 5). “O cuidado de si tornou-se um verdadeiro fenómeno cultural como princípio de toda conduta racional, ... Não se ignorando que ele sofreu uma série de outras transformações no cristianismo primitivo, medieval, no renascimento e no século XVII.” (Damasio, 2014, p. 1).

Castro, Viana, e Bara (2010) referem Foucault, segundo o qual “a razão mais essencial pela qual o preceito cuidado de si foi sendo apagado da história do pensamento ocidental se chamaria de *momento cartesiano* ... nascimento da racionalidade moderna no século XVII” (p. 1282). Esta racionalidade qualifica o *conhece-te a ti mesmo* e desqualifica o *cuidado de si*.

A requalificação do cuidado de si vem a surgir posteriormente em *A Comédia Humana* de Balzac (1830-1840), “trata-se de um trabalho que inclui todo o ser do sujeito para tornar sua vida uma arte autofinalizada como na cultura de si do período do helenismo ...” (Castro et al., 2010, p. 1297).

O conceito de cuidado de si, sob o ponto de vista da disciplina de enfermagem, torna-se aparentemente próximo do conceito de autocuidado, a este propósito Silva et al. (2009) refere que o “autocuidado está centrado no paradigma da totalidade, adota o pressuposto de que o ser humano é a somatória de suas partes ... já o cuidado de si está atrelado ao paradigma da simultaneidade ... a pessoa é um todo maior...” (p. 7). Assim, segundo estes autores, o autocuidado liga-se ao paradigma da totalidade, onde a saúde adquiriu um aspeto objetivo, totalizante, como resultado de soma de partes, por outro lado, o cuidado de si, relaciona-se com o paradigma da simultaneidade que valoriza o subjetivo do ser humano. Ambos de interesse para a perceção do cuidar nos cuidados de enfermagem hoje.

## **Filoctetes, de Sófocles**

Resumo do drama, no relato de Carvalho (2008):

Filoctetes participou na expedição dos Atridas contra Ílion ao comando de sete naus. Não chegou às praias troianas: em Crise, junto ao altar da divindade que dava nome à ilha, mordeu-o no pé uma serpente. A ferida infetou de modo voraz e pestilento, tornando-o imprestável para a missão; pus repugnante escorria dela, dores intoleráveis provocavam gritos e gemidos que, de tão horríveis, selvagens e agoirentos, perturbavam libações e sacrifícios. Ulisses persuadiu os outros chefes a abandoná-lo na erma ilha de Lemnos; nove anos volvidos, o adivinho troiano Heleno, capturado pelo Cefalénio, predisse que Troia não cairia sem Filoctetes e o seu arco. . . .

A tragédia de Sófocles parte do ponto em que Ulisses aporta a Lemnos, acompanhado de Neoptólemo, com a missão de levar a arma e o herói. Não podendo expor-se, por temer a vingança . . . [de Filoctetes], ciente de que força e persuasão seriam inúteis, usa perversamente o jovem [Neoptólemo], instruindo-o a enganar Filoctetes, ganhando-lhe a confiança para que o seguisse, crente de que o resgatava de regresso à pátria.

O filho de Aquiles [Neoptólemo], começa por recusar, em nome de princípios morais, mas obedece. O estratagema de Ulisses resulta. Filoctetes sofre um episódio doloroso violentíssimo e, antes de cair no sono, consigna ao jovem o arco. Ao acordar, percebe-se de novo traído e abandonado, inerte, à mercê das feras, sem poder prover à subsistência. Neoptólemo, já tocado de admiração pela força existencial do herói e de piedade pelos seus tormentos, revolve-se na crise moral que o instiga a seguir os seus princípios da sua verdadeira natureza; tem um rebate de consciência, revela a verdade, volta atrás e restitui o arco, contrastando Ulisses. Às ameaças deste e aos argumentos benévolos do jovem, que lhe asseguram a cura e a glória em Troia, Filoctetes resiste, recusando ajudar os responsáveis pela sua miséria, e persuade Neoptólemo a regressarem a casa, abandonando o exército Atrida ao fim desastroso.

Porque a ordem universal não pode ser distorcida e para que se cumpra o obscuro plano que a rege, aparece Hércules, *deus ex machina*, induzindo-os

a navegar para Troia e a conquistá-la, garantindo a reconciliação do herói consigo mesmo, com a história e com o divino. (Carvalho, 2008, p. 156)

Estamos perante o abandono. Abandono de um ser em sofrimento, e de aproveitamento da situação de desfavorecimento, mas também pelo rebate de consciência que conduz à compaixão e ao cuidar.

Para Gemelli (2010), encontra-se em Filoctetes

intrincadas e tensas relações entre os personagens que precisam uns dos outros não apenas para realizarem ou alcançarem seus objetivos, mas até mesmo para se definirem. . . . Neoptólemo é o mais suscetível dos três personagens dessa tragédia por sua condição ainda potencial . . . O jovem nesta missão, encontra ou testemunha, pela primeira vez, toda a grandiosidade e a baixeza que resulta das decisões dos homens. (Gemelli, 2010, p. 32)

A partir da personagem paradigmática de Filoctetes, Carvalho (2008), propõem-se avaliar

as dores que atravessam as nossas vidas [e que] têm feito especular filosofia, literatura e arte” . . . “ninguém sofreu como ele, segundo o coro de Sófocles («De nenhum outro mortal / eu, sei, nem de outiva, nem por o ter visto, / de homem que tenha encontrado sorte mais adversa do que este»), usarei as suas infinitas dores – tormento físico, ultraje do banido, solidão do inválido, consumição do ódio, desespero metafísico. . . . (Carvalho, 2008, p. 155)

A tragédia Filoctetes, de Sófocles, transporta-nos para a dimensão ética do cuidar apelando “à compaixão para com o Homem, à escala singular” (Zagalo-Cardoso & Silva, 2010, p. 84).

Estes autores interrogam-se:

Esta belíssima narrativa, já com dois mil e quinhentos anos, que mensagem ética pode imprimir, na reflexão sobre a proteção das pessoas ditas com “deficiência” física? Olhando para o exemplo de Neoptólemo, deveríamos compadecer-nos de Filoctetes somente por causa das suas chagas ou por ver nele outro rosto, um outro rosto humano, que nos interpela a exigir de nós uma postura respeitosa para com todos os humanos. (Zagalo-Cardoso & Silva, 2010, p. 86)

O questionamento vai mais longe, para Zagalo-Cardoso e Silva (2010),

pois sendo todos nós pessoas necessitadas e prestadoras de cuidados não somos propriamente

um estorvo para os outros como o herói grego foi tratado pelos companheiros. Se pensarmos na falta de Cuidado, numa perspectiva mais ampla, vamos encontrar essa atividade abominável dentro das nossas próprias casas, uma vez que é, também, natural que os idosos e os doentes se vejam acometidos de uma redução das suas habilidades físicas e psicológicas para o desempenho das suas atividades: não é por outro motivo se não a nossa falta de cuidados que não raramente vemos estes ficarem esquecidos .... (Zagaló-Cardoso & Silva, 2010, p. 86)

A dimensão ética está desde logo colada ao cuidar, quando se é impelido a cuidar responde-se necessariamente a uma opção, encontra-se solução assertiva ou não assertiva, uma resposta dilemática para um problema que nos confronta.

### A Fábula/Mito *Cura*, de Higino

Borges-Duarte (2010) no texto *A Fecundidade Ontológica da Noção de Cuidado. De Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo*, recorda-nos que Heidegger reproduz no parágrafo 42 de *Ser e Tempo*, a *fábula/mito cuidar*, recolhida por *Hyginus* [Higino] na sua coletânea de *Fabulae* com o n.º 220. Reproduzindo-a no essencial, desta forma:

Certo dia, ao atravessar um rio, o Cuidado (*Cura*) viu um terreno de barro. Pensativo, tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto refletia sobre o que tinha feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que lhe insuflasse espírito. Júpiter acedeu de bom grado. Quando, porém Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter proibiu-lho, exigindo que lhe fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu a Terra (*Tellus*). Mas quando também ela quis dar o seu nome à criatura, por ter sido feita de barro, que era um pedaço do seu corpo, começou uma grande discussão. De comum acordo, pediram a Saturno que fizesse de juiz. E ele tomou a seguinte decisão, que pareceu justa: Júpiter, porque lhe deu o espírito, receberá de volta este espírito, por ocasião da morte dessa criatura. A Terra, que lhe deu o corpo, receberá, também de volta o seu corpo, quando a criatura morrer. Ao Cuidado, porém, que moldou a criatura, ficará esta entregue durante a sua vida. E uma vez que há entre vós acalorada discussão acerca do nome,

decido eu que esta criatura será chamada Homem (*homo*), isto é, feita de *humus*, que significa terra fértil. (Borges-Duarte, 2010, p. 118-119)

Rocha (2011) chama a atenção que “o termo latino *Cura*, usado por Higino, tem muitos significados, entre os quais o de *tratamento das doenças* ... No contexto da fábula, o termo *Cura* tanto pode ser traduzido por cuidado, quanto pelos termos angústia, preocupação, inquietação e solicitude” (p. 4). Refere ainda (Rocha, 2011) que,

quando se tratou de dar um nome à figura modelada, não houve consenso entre os seus personagens. Júpiter, o deus do céu e a deusa da terra, *Tellus*, não chegando a um consenso sobre o nome da figura, apelaram para Saturno, o deus do tempo, a fim que ele dirimisse a questão. E é precisamente no veredicto pronunciado por Saturno [deus do tempo], que se encontra o essencial da narrativa de Higino. (Rocha, 2011, p. 10)

Segundo Borges-Duarte (2010),

o essencial parece-me ser: a criação humana não é cunhada nem pelo espírito, nem pelo corpo, que lhe são emprestados em vida, mas que com a morte se dissolvem e retornam a quem lhos emprestou, mas por aquilo que lhe deu forma – o Cuidado, que o transe e mantém em vida... (Borges-Duarte, 2010, p. 120)

Acrescentando,

não é a distinção de alma e corpo e a sua união constitutiva o que caracteriza ontologicamente o humano, mas o seu levar o ser no seu ser, ocupando-se dele, de si, cuidando de e tendo cuidado, desvelando-se por e no viver. É este cunho, eminentemente temporal, que define formalmente o *Dasein* como ser o aí, designação heideggeriana do humano na sua suprema dignidade. (Borges-Duarte, 2010, p. 120)

Em Silva et al. (2009) encontramos clarificação “a cura faz parte constitutiva, mas quem vai decidir é o tempo, pois o homem não será nada se não for o tempo, o mundo. O ser só existe enquanto ser-no-tempo” (p. 3). Enquanto ser vivido, vivente ou com potencial para viver, não é espírito nem matéria, é projeto e/ou concretização de vida.

Laviola (2013, p. 22) menciona que Heidegger, no *Ser e Tempo*, “a partir da angústia, como abertura de possibilidades e com um encontrar-se a partir de si mesmo... apresenta o ser *Dasein* como *cuidado*”.

O homem é assim entendido “como um poder ser no mundo. E isso o angustiará” (Laviola, 2013, p. 21).

O *Dasein* comporta três caracteres fundamentais ontológicos intimamente unidos entre si: A existencialidade – poder ser do *ser ai* – ligado à liberdade de escolha; fatualidade – poder ser, um *ser-adiantado em relação a si* – em algum lugar, a ser lançado no mundo; ser-do-decair, a fuga diante do estranhamente dele mesmo, motivado pela angústia. E, é precisamente porque é *um poder-ser*, seu modo de ser não é o de uma realidade objetivamente dada ou essencialmente determinada.

Heidegger (2012) refere que “Segundo Scheler, a pessoa nunca deve ser pensada como uma coisa ou como uma substância; ela é ao contrário, a unidade imediata covivida do vivenciar – e não uma coisa somente pensada por trás e fora do imediatamente vivido” (p. 155).

Acerca da *importância essencial do cuidado* em Heidegger, encontramos em Boff (1999),

do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de facto. Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. (Boff, 1999, p. 13)

O “conceito de cuidado remetido ao ser com os outros” onde a “sua compreensão começa a partir da ocupação com utensílios e a seguir com a solicitude para com os outros” (Almeida, 2008, p. 14).

Para Roselló (2009) “o cuidar, ..., está na mesma gênese do ser humano, pois é Cuidado quem cria o homem e lhe protege. Precisamente por isso, a ação de cuidar revela algo muito próprio da humanidade do homem, revela sua íntima constituição.” (p. 118). E ainda,

mediante a ação de cuidar, o ser humano se humaniza, ou seja, assume plenamente sua humanidade e, além disso, assemelha-se enormemente a seu criador, o que significa que a ação de cuidar enobrece o ser humano, o eleva à categoria dos deuses, pois mediante ela imita seu criador, o deus Cuidado. (Roselló, 2009, p. 118)

Também para Boff (1999) “no cuidado se encontra o *ethos* fundamental humano” (p. 1), para ele a ética mínima que salvaguarda a vida, as relações sociais e a preservação da natureza funda-se precisamente na

essência do ser humano como cuidado. Ainda em Boff (1999) “o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim e passo a dedicar-me a ele” (p.2), concluído Silva, et al. (2009) “cuidar de alguém é ter estima e apreço pela pessoa, querendo o seu bem-estar de forma integral.” (p. 2). Roselló (2009), cita Pellegrino (1985) dizendo que o *cuidado integral* é uma obrigação moral dos profissionais da saúde, englobando quatro sentidos: compaixão; ajudar na autonomia; convidar a desejar-se ajudar; colocar alguém no centro de ação. Atribuindo ao cuidado, como refere Silva et al. (2009) “desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato; um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro ...” (p. 2).

Retomando uma perspectiva heideggeriana, num enquadramento psicanalista, aqui com proveito para o enriquecimento conceitual do cuidar, diz Rocha (2011) “clínica é dedicar-se ao cuidado dos clientes com preocupação, desvelo e solicitude. Sendo assim, o desdobramento que Heidegger fez da *Sorge* (cuidado) em *Besorgen* (ocupação) e *Fürsorgen* (preocupação e solicitude) abre perspectivas novas ...” (p. 23).

Voltando a Boff (1999) “cuidar é mais do que um ato é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (p. 12).

Em Laviola (2013) “a solicitude do cuidado com o outro, ou seja, a *preocupação-com* é um elemento constitutivo do homem. Faz parte de seu *modo-de-ser*. Quando este se relaciona com os outros, a marca da preocupação, do cuidado evidencia-se” (p. 26), e segundo esta autora, Heidegger, utiliza este mito “exatamente para ilustrar que a solicitude é marca do homem no mundo. Ela seria um cuidado integral, que abrange todas as dimensões do homem...” (p. 10).

De todo, cuidar, é muito mais do que prestar cuidados (fazer), para além da ação dirigida, é disponibilidade, solicitude e compaixão. Como bem expressa Hesbeen (2001), muitos profissionais da saúde

podem, quer por hábito, quer pontualmente, exercer a sua profissão sem, por várias razões, cuidarem ou estarem verdadeiramente atentos à singularidade da pessoa à qual se dirigem. Nesses casos, estão a prestar cuidados mas não

a cuidar. A ajuda que prestam – e que convém não subestimar – é, à partida, limitada porque depende essencialmente de atos ou tarefas dirigidas ao corpo da pessoa – o corpo objeto –, mas não verdadeiramente à pessoa – corpo sujeito. (Hesbeen, 2001, p. 17)

De outra grandeza é o alargamento da consideração do cuidar, indo para além do ato (prestar cuidados), para a atitude (desvelo, solicitude, disponibilidade, compaixão – cuidar).

Esta reflexão poderá ajudar na abertura do conceito à significação acerca do cuidar em enfermagem procurando a especificidade disciplinar. Queirós (2014) constata num estudo sobre os conceitos disciplinares em uso por estudantes de mestrado e de licenciatura em enfermagem que “o cuidar é o termo e conceito mais utilizado com maior apropriação”. (p. 40).

Mas nem sempre se consegue perceber se existe por parte dos enfermeiros a interiorização da riqueza conceptual e o sentido operativo que o termo cuidar proporciona.

## Conclusão

Seguindo a classificação dos cuidados de Leininger (1978), referida anteriormente, o cuidar profissional de enfermagem, sendo mais do que prestar cuidados, é mais do que o cuidado meramente profissional de pessoas ou de coisas (cuidadores do cabelo, das unhas, dos sapatos, da roupa...). Nessa medida embora aproximando-se da noção do cuidar universal não profissionalizado (por exemplo o das nossas mães) profissionaliza-o, e dá-lhe no âmbito disciplinar de enfermagem, um cunho e uma roupagem específica – a profissionalização da atitude cuidativa (com desvelo, compaixão, solicitude...). Atitude cuidativa, que tem por base e fundamento identitário, o cuidar inerentemente humano, condição primeira de humanidade expresso e percebido desde Alcibíades; constitutivo e fundador do ser humano como relata Higino; com inerente imperativo ético, bem patente em Filoctetes.

O cuidar nos cuidados profissionais de enfermagem, diferencia-se de outros cuidados também profissionais, que não de enfermagem, e dos cuidados informais, já que considera para além da ação (prestação de cuidados), também a solicitude,

a compaixão, a disponibilidade, de forma dirigida, intencional, organizada e integrada.

Assim percebemos o cuidar de enfermagem como um cuidar integral profissionalizado.

O cuidar, de si e dos outros, autocuidado ou cuidado com os que nos rodeiam, cola-se e é inerente à nossa condição de humanos. Este constantemente questionado, sobretudo em forma de dilema ético, e revestido de várias *nuanças*, acompanhando o desenvolvimento civilizacional desde a antiguidade clássica, é percebido hoje, como ação e atitude profissionalizada dando corpo à enfermagem.

O cuidar, condição de existência humana, é no âmbito da enfermagem, entendido como um cuidar integral profissionalizado, maximizado, disponibilizado e quando em ação é usuário e gerador de conhecimento próprio, que em simbiose com outros saberes, sendo recriado e sistematizado, dá lugar ao conhecimento específico de enfermagem.

## Referências bibliográficas

- Almeida, R. S. (2008). O cuidado na primeira seção de ser e tempo. “*Existência e Arte*”. *Revista Eletrônica do Grupo PET- Ciências Humanas, Estética e Artes* da Universidade Federal de S. João Del-Rei, 4(4), 1-16.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar. Ética do Humano: Compaixão pela Terra*. Petrópolis, Brasil: Vozes. Recuperado de <http://pt.slideshare.net/sofphyszul/saber-cuidar-completo>
- Borges-Duarte, I. (2010). A fecundidade ontológica da noção de cuidado. *Ex aequo*, 21, 115-131.
- Carvalho, J.V. (2008). As dores de Filoctetes. *Comunicação & Cultura*, 5, 155-170.
- Castro, F.C., Viana, T.C. & Bara, O. (2010). O “cuidado de si” em Platão e em Balzac: Algumas páginas da história da subjetividade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 10 (4), 1271-1300.
- Dalbosco, C. A. (2006). Corpo e alma na velhice: Significação ético-pedagógica do “cuidado de si mesmo”. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 3 (1), 22-37.
- Damasio, C.R. (2014). *Michel Foucault e o cuidado de si*. Recuperado de <http://www.espacoacademico.com.br/073/73damasio.htm>
- Foucault, M.(1994). *Dits et écrits*. Vol. IV, pp. 783-813. Paris: Gallimard.
- Gemelli, C. L. (2010). *A disputa por Neoptólemo no Filoctetes de Sófocles* (Trabalho final de curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Brasil.

- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Hesbeen, W. (2001). *Qualidade em enfermagem: Pensamento e ação na perspectiva do cuidar*. Loures, Portugal: Lusociência.
- Laviola, B.R. (2013). *O ser que cuida e é cuidado na perspectiva do dasein de Heidegger*. Belo Horizonte, Brasil: Instituto S. Tomás de Aquino.
- Leininger, M. (1978). The phenomenon of caring: Importance, research questions and theoretical considerations. In Leininger, M. (1981), *Caring, an essential humanneed: proceedings of three National Caring Conferences. Part I: The phenomena and nature of caring*. (pp. 3-16). Salt Lake City, USA: University of Utah.
- Pellegrino, E. (1985). The caring ethics: the relation of physician to patient. In A. H. Bishop & J. R. Scudder (Eds.), *Caring, curing, coping: Nurse, physician, patient relationships*. pp 8-30. Birmingham, England: University of Alabama Press.
- Platão. (2007). *Platão diálogos: Fedro: Cartas: O primeiro Alcibiades* 2ª ed. (revisada, tradução direta do grego Carlos Alberto Nunes). Belém-Pará, Brasil: Editora universitária Federal do Pará/EDUFPA.
- Queirós, P. (2014). *Conceitos disciplinares em uso por estudantes de licenciatura e de mestrado em Enfermagem*. *Revista de Enfermagem Referência*, 4(2), 29-40.
- Rocha, Z. (2011). A ontologia Heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas. *Síntese: Revista de Filosofia*, 38(120),71-90.
- Roselló, F.T (2009). *Antropologia do cuidar*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Silva, I. J., Oliveira, M.F., Silva, S.E., Polaro, S. H., Radunz, V., Santos, E. K. & Santana, M.E. (2009). Cuidado, autocuidado e cuidado de si: Uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. *Revista Escola Enfermagem USP*, 43(3), 697-703.
- Zagalo-Cardoso, J.A. & Silva, A. S. (2010). A ética do cuidado à luz da fábula/mito de Hígino e da tragédia Filoctetes, de Sófocles. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 66(Fasc.1), 81-88.